



O CAMPEONES

ORGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

PREPAREMOS-NOS PARA A JORNADA De 8 e 9 de Agosto

No dia 8 de Junho Salazar e a União Nacional burlaram a Nação roubando os votos do General Delgado e dando-os ao candidato salazarista.

Desde o dia 8 de Junho o povo português tem protestado das formas mais variadas contra esta vergonhosa burla e contra as prisões e mortes de que o governo é responsável. Dezenas de milhares de operários industriais e agrícolas, de pescadores, etc, fizeram greve. O nosso povo declarou nos dias 1, 2 e 3 de Julho a boicotagem aos transportes, aos espectáculos, aos jornais e vestiu-se de luto para manifestar o seu sentido protesto por Salazar continuar à frente do governo.

Que a data da tomada de posse do cargo de Presidente da República pelo Contra-o-povo Américo Tomás, ou seja, os dias 8 e 9 de Agosto dêem lugar a uma nova e grande jornada nacional contra a burla eleitoral.

A Nação Portuguesa não aceitará um tal Presidente.

A Nação considera-se ofendida, vestir-se-á de luto e lutar por todas as formas ao seu alcance, inclusive as greves e as concentrações de massas, as cartas de protesto, o envio de moções aprovadas em reuniões de massas, as inscrições, etc, etc. Para desmascarar esta vergonhosa tomada de posse.

A Nação há-de encontrar forma de alcançar a vitória da Democracia.

A Nação não ficará de braços cruzados.

Ergamo-nos todos contra a entrega da Presidência da República ao candidato que perdeu as eleições. Façamos dos dias 8 e 9 de Agosto uma nova jornada contra as burlas eleitorais e por um governo de portugueses honrados.

(Continua na 2.ª pág.)

A GRANDIOSA PARTICIPAÇÃO CAMPONESA NA LUTA PELA DEMOCRACIA

As massas camponesas participaram activamente na histórica Campanha Eleitoral que o País acaba de viver. O facto de ninguém mais do que a classe operária sentir a necessidade de que este regime acabe lançou o proletariado dos campos, conjuntamente com seus irmãos — os operários industriais — na vanguarda da luta para a conquista da Democracia.

Milhões de pessoas participaram na Campanha Eleitoral. As massas camponesas podem sentir-se orgulhosas pela contribuição dada.

A despeito de todas as dificuldades postas pelo salazarismo ao desenvolvimento da campanha eleitoral, como, por exemplo, a não permissão de sessões da Oposição em todo o distrito de Beja a não ser na cidade, e, depois, a proibição de sessões na própria cidade de Beja, mesmo assim a Oposição conseguiu mobilizar dezenas de milhares de pessoas. Basta lembrar que a passagem do Dr. Arlindo Vicente por Aljustrel deu lugar à paralização de trabalho das minas e dos campos e à concentração de mais de 4 mil pessoas que o aclamaram. Depois, em Beja, milhares de pessoas esperaram este candidato, e a uma sessão que se realizou na praça de touros compareceram mais de 6 mil pessoas de todo o distrito. A passagem por este distrito do outro candidato da Oposição, General Humberto Delgado, proporcionou manifestações de massas ainda mais potentes. Numa jornada que já mais será esquecida concentraram-se à sua chegada a Beja entre 40 e 50 mil pessoas, homens e mulheres, velhos e jovens de todo o distrito que o aclamaram delirantemente aos gritos de «Eleições livres, Amnistia, Libertação dos presos políticos, Justiça, Liberdade, etc». As autoridades defrontaram esta manifestação pacífica e democrática com a concentração de mais de mil GNR fortemente armados em Beja, com o reforço da PSP e a tomada da cidade pela PIDE que aí efectuou várias prisões e procurou criar um clima de terror. A despeito das ilegalidades e violências cometidas pelo governo e do terror desencadeado, a despeito de terem chegado ao assassinato de democratas, mesmo assim o entusiasmo popular foi imenso por toda a parte e as massas acorreram a votar os candidatos. Em Évora à chegada do General concentraram-se mais de 5 a 6 mil pessoas. No Couço assistiram a uma sessão mais de 4 mil pessoas. Em Montemor, Ermidas e Grândola assistiram à passagem dos candidatos mais de 2 mil pessoas, tendo em Ermidas e Grândola sido indescrevível o entusiasmo e tendo toda a gente parado o trabalho no dia da passagem do Dr. Alindo Vicente para ter a certeza de o ver. No meio da maior vibração democrática decorreram também inúmeras outras sessões como a de Alpiarça, de Portalegre, e de numerosas outras vilas e cidades, isto para falarmos

somente de alguns meios camponeses e não se insistir nas gigantescas recepções de Lisboa e Porto que reuniram meio milhão de pessoas.

Só graças à coragem das massas populares no meio das maiores arbitrariedades, do terror e das notas oficiosas e confidentiais da última hora impedindo toda e qualquer fiscalização eleitoral, do roubo de centos de milhares de listas e da prisão de comissões eleitorais, foi possível acorrer em massa às urnas e tentar em numerosos casos impor uma fiscalização que, embora limitada, bastou para mostrar que foi o General Humberto Delgado quem a Nação elegeu para a Presidência da República. O candidato da Oposição unido entre outras venceu as eleições em Santarém, Alcanena, Cartaxo, Alpiar-

ça, Almeirim, Rio Maior, Couço, Escorral, Bencatel, Ermidas, Cercal, Sofára, Pias, Aljezur, etc, etc.

Perante a burla eleitoral, perante o roubo de votos que couberam ao gen. Humberto Delgado e a falsificação generalizada dos resultados eleitorais, o País vibrou de indignação e considerou que seria uma desonra aceitar e submeter-se à falsificação de Salazar, Santos Costa e da sua camarilha e aceitar o seu candidato — o boneco Américo Tomás como Supremo Magistrado da Nação. Por isso a gloriosa classe operária logo no dia 12, isto é, apenas 4 dias após as eleições burla, entrou no caminho da greve política, greve que se iniciou na Cova da Piedade, Almada e Cacilhas e logo se estendeu a outras terras de Norte a Sul do País:

(Continua na 2.ª pág.)

IMPORTANTES LUTAS E VITÓRIAS NAS CEIFAS

Ào fim de 32 anos de governo de Salazar os trabalhadores da terra vêem-se obrigados a lutar mais do que nunca para fugir à situação de miséria cada vez maior em que se encontram.

CAMPO MAIOR — Mais de 3 mil operários agrícolas, homens e mulheres fizeram greve. No dia 13 de Maio mil trabalhadores em greve concentraram-se na praça de jornas e no dia 14 mais de 2 mil reuniram-se na Casa do Povo onde discutiram as jornas de fome que queriam impor-lhes e combinaram pedir a jorna de 40\$00. Em face da unidade dos trabalhadores os agrários fizeram uma reunião na Câmara. Os trabalhadores enviaram uma comissão de 4 trabalhadores à reunião dos agrários, mas a delegação foi ameaçada com a PIDE, que estava presente, se não fossem trabalhar pelas jornas estabelecidas num edital. Os trabalhadores não se deixaram atemorizar e continuaram em greve, juntando-se-lhes mais 300 operários agrícolas de Ouguela também de Alegrete e de Reguengos de Portalegre. Perante o alastrar do movimento grevista o presidente da Câmara o agrário José Pinheiro tomou medidas repressivas mandando vir reforços da GNR, da PSP e mais PIDE que logo no dia 16 fizeram 14 prisões, e através uma violenta repressão que se estendeu por muito tempo acabaram por obrigar os trabalhadores a pegar no trabalho por jornas de 17 e 18\$00 os homens e de 10 e 12\$00 as mulheres ao fim de 2 semanas de greve.

AVIZ — Depois de várias reuniões e várias concentrações de trabalhadores na Casa do Povo, exigindo as 8 horas de trabalho e aumento dos salários, foram presos pela PIDE e GNR no dia 13 de Abril, 6 trabalhadores de Benavila e Aviz. Mas os valentes trabalhadores não se intimidaram com o terror desencadeado pela PIDE ao serviço dos grandes agrários e em novas reuniões e concentrações resolveram ir para a greve no dia 26 de Maio se os agrários se negassem a pagar

35\$00 aos homens e 25\$00 às mulheres, e as 8 horas nas ceifas. Novos reforços da PIDE e da GNR foram chamados e os agrários procuraram implantando o terror evitar a greve. Mas no dia 26 de Maio 850 trabalhadores de Aviz, Alcórrego, Ervedal foram para a greve. A PIDE e a GNR fizeram mais 12 prisões mas os trabalhadores exigiram a libertação dos presos. Apesar da violência da GNR que andava com metralhadoras e que espancou os trabalhadores, estes mantiveram-se em greve dois dias acabando por alcançar os salários que pretendiam.

MONTEMOR-O-NOVO — No dia 19 de Maio concentraram-se na praça de jorna mais de 300 ceifeiros, combinando pedir 50\$00 nas ceifas.

Os agrários não queriam dar esta jorna mas em face da unidade dos trabalhadores tiveram de ceder, saindo a maior parte dos trabalhadores a 50\$00 e 52\$00 e as mulheres a metade destas jornas.

ESCORRAL — Logo na primeira semana de ceifas mais de 200 camponeses concentraram-se na praça de jorna e bem unidos obrigaram os agrários a pagar-lhes a jorna de 40 45, 50, e mesmo 52\$50 aos homens e metade às mulheres.

COUÇO — Devido às eleições terem decorrido desfavoráveis ao salazarismo no Couço, pois ganhou nas urnas o general Humberto Delgado e pelo fim das ceifas, os grandes agrários desta região entraram no caminho da provocação e resol-

(Continua na 2.ª pág.)

CORREU SANGUE EM MONTEMOR

No passado dia 25 de Junho mais de 200 trabalhadores de Montemor-o-Novo dirigiram-se pacificamente à Câmara para se avistarem com o Presidente José Vacas, para que se encarassem medidas que conduzissem ao aumento dos seus salários, visto estes não fazerem face à angustiosa subida do custo de vida. O miserável fascista Vacas recusou-se a ouvir os trabalhadores e imediatamente chamou reforços da GNR de Évora e de Vendas Novas. Estes comandados pelo capitão Caldeira e instigados pelo Vacas e por vários agentes da PIDE, depois de terem atirado os carros para cima dos trabalhadores, abriram fogo, tendo o sargento da GNR disparado uma rajada de metralhadora que provocou logo a morte do nosso companheiro José Adelino dos Santos e mais 3 feridos.

Os facínoras salazaristas não contentes com a cobardia dos crimes que acabavam de praticar agarraram no morto e nos feridos e levaram-nos para Lisboa. Mais de 200 pessoas foram imediatamente presas. Uma onda de repressão

caiu sobre a corajosa gente de Montemor. Seguiram para Lisboa mais de 40 presos que estão a ser barbaramente tratados. Há fortes razões para supor que um destes presos António Farrica foi mesmo já assassinado, pois foi visto na prisão de Caxias muito mal tratado, tendo-nos chegado a notícia de ter falecido no dia seguinte.

Mas estes monstruosos crimes cometidos pelos Carrajolas não quebraram o ânimo do povo de Montemor, por isso no dia do funeral concentraram-se mais de 2.500 pessoas à espera do cadáver, tendo rompido corajosamente os cordões de mais de 200 GNRs armados de metralhadoras e carros de assalto para se dirigirem para o cemitério. Aqui uma enorme multidão pôde prestar uma sentida homenagem de despedida a José Adelino dos Santos que o nosso povo nunca esquecerá, como nunca esquecerá Catarina Eufémia, Alfredo Lima, José Patuleia, Germano Vidigal, etc, etc.

Exijamos por toda a parte o castigo dos criminosos. JUSTIÇA! JUSTIÇA! JUSTIÇA!

(Continuado da 1.ª pág.)

Matozinhos, Alverca, Alhandra, Baleizão, Quintos, Vale do Vargo, Pias, Serpa, no dia 16, para continuar a alargar-se a outras localidades e empresas do Porto, Senhora da Hora, etc. No dia 23, a greve estendeu-se ao Couço e a Montemor-o-Novo onde o salazarismo tenta zafiar uma manifestação popular por melhores jornas e contra as burlas eleitorais, com tiros de metralhadora, resultando daí mortos, feridos, prisões. Dezenas de milhares de operários manifestaram-se contra a falsificação dos resultados eleitorais.

Expressando o descontentamento nacional contra a burla eleitoral o gen. Humberto Delgado apresentou às entidades competentes um documento em que se impugnaram os resultados eleitorais, isto é se contestam devido às irregularidades e violências cometidas.

A Nação indignada lançou-se em novas e potentes greves como a de Alpiarça dos dias 25 a 27 de Junho, de Messines e Cumadães no Algarve no dia 30. Organizou-se uma Jornada Nacional de protesto contra as burlas eleitorais para os dias 1, 2 e 3 de Julho.

Além de se vestir de luto em sinal de sentimento pelo que se passa no nosso País, o povo resolveu não utilizar transportes colectivos, nem comprar jornais ou ir a cinemas, etc, e até lançar-se noutras greves. Esta Jornada nacional foi um êxito para as forças democráticas, por toda a parte foi seguida e sentida. Em Beja, nos dias 1, 2 e 3 de Julho mais de 15 mil operários da cidade e do campo lançaram-se em greve. Vendo-se desmascarado pelas amplas massas o governo fez desabar uma onda de feroz repressão sobre Beja, Neves, Salvada, Penedo Gordo, Monte Gordo, Boavista, Vila Azeda, Baleizão, Quintos, Pias, Vale do Vargo, Aldeia Nova, A-do-Finto, etc, etc, mas os milhares de grevistas conscientes da justesa da sua atitude enfrentam-na com firmeza. As prisões estão cheias. Os presos são mal tratados. Os intentos da PIDE que se acoberta com a GNR e PSP são sinistros. O governo criminosamente ordenou que os grevistas

A LUTA TEM DE PRESSEGUIR ATÉ À VITÓRIA!

LUTAS E VITÓRIAS

(Continuação da 1.ª pág.)

veram baixar os salários dos homens para 16\$00 e os das mulheres para 8\$00. Isto originou uma grande indignação nos trabalhadores, tendo levado os ceifeiros e ceifeiras a declararem-se no dia 23 de Junho em greve como protesto contra os salários de fome. As mulheres em grupos, cheias de fome, com os filhos nos braços iam de rancho em rancho e de herdade em herdade a pedir aos trabalhadores que se declarassem em greve e no caso de hesitações tiravam-lhes as ferramentas das mãos. A greve estendeu-se ligada com protesto contra as burlas eleitorais a camadas cada vez mais vastas de trabalhadores, alcançando a barragem de Montargil e as barragens do Sorraia onde a maioria dos operários largou o trabalho. Mais de 300 GNR e numerosos PIDES invadiram esta região e foram efectuadas numerosas prisões. No posto homens e mulheres são duramente espancados pelo crime de não se quererem deixar matar à fome. Só no dia 27 de Junho foram levados para Lisboa pelo menos 2 camionetas cheias de presos, homens, mulheres e crianças.

Noutras terras do Alto Alentejo, como S. Cristovão, Alcaçovas, Pavia, Mora, Siburro, Reguengos, Évora, etc, as jornas nas ceifas andaram à roda de 40 e 45\$00.

No **Baixo Alentejo** as jornas

não sejam readmitidos no trabalho, mas a unidade e a firmeza na luta por parte dos trabalhadores acabará sem dúvida por dar-lhes a vitória neste combate contra um regime ilegal. Todavia é urgente que todo o País preste Solidariedade aos corajosos lutadores de Beja, assim como aos de todas as terras onde se verifiquem situações idênticas.

Os assalariados agrícolas compreenderam desde o primeiro momento a importância das batalhas democráticas que iam travar-se e para elas se preparam com entusiasmo. Os trabalhadores sabem que é absolutamente necessário para melhorarem a sua situação lutarem firmemente para que isso aconteça e sabem também que só com a expulsão do representante dos grandes capitalistas e grandes agrários — de Salazar — do Poder se abrirá o caminho para um futuro mais feliz. O proletariado dos campos está farto de miséria e de fome. 32 anos de fascismo ensinaram-lhe numa dolorosa experiência qual o valor de Salazar e o que dele se pode esperar. 32 anos de fome e de sofrimento deram-lhe a consciência política necessária para que compreenda que a sua libertação tem de ser por si conquistada, por isso se ergue e alinha à vanguarda da luta de conquista da Democracia, que só através da acção e da unidade de todos os anti-salazaristas pode ser alcançada. Também outras camadas das massas camponesas como os seareiros e rendeiros, como os pequenos, médios e mesmo alguns ricos proprietários, etc, ensinados por toda uma política de espoliação, de baixos preços para os seus produtos, de pesados impostos e contribuições, de sacrifícios enfim, participaram valorosamente nestas jornadas democráticas colocando-se ao lado do seu aliado natural — a classe operária. Da unidade e da luta da classe operária e da sua aliança com os camponeses, da luta de todo o nosso povo há-de resultar a vitória.

Portugal precisa da Democracia para progredir. A Democracia tem de ser por nós alcançada, há que conquistá-la em novas jornadas.

de um modo geral ficaram à quem do que teria sido possível conseguir se uma maior energia e espírito de organização tivesse amparado os trabalhadores. Em Pias, Aldeia Nova, Serpa e Vale do Vargo as jornas, de modo geral andaram à roda dos 35\$00 para homens e 23 e 25\$00 para as mulheres. Houve também alguns casos de 40\$00 mas relativamente poucos. Em Moura as jornas foram melhores devido à resistência dos trabalhadores, tendo-se obtido jornas de 40, 42 e 43\$00 e andando a média à roda dos 35 a 40\$00. Na Póvoa conquistaram-se os 50\$00 e na Amareleja 60\$00. Este ano o período da ceifa foi ainda mais curto do que nos últimos anos devido à maior utilização de ceifeiras mecânicas. Mesmo assim onde os trabalhadores entraram nas ceifas com um elevado espírito de luta conseguiram melhorar a sua situação sobre a do ano anterior. Em **Baleizão**, por exemplo, os trabalhadores entraram nas ceifas após uma greve de todos os 240 que andavam nas obras da estrada. Esta unidade proporcionou que tendo começado a ceifa a 35 os homens e 20\$00 as mulheres, logo na 2ª semana os homens conseguissem 40\$00. Depois 45, 50 e 60\$00 aos homens e 30 e 32\$00 às mulheres. Um rancho de 40 pessoas alcançou, durante uma semana, 75\$00 os homens e 50\$00 as mulheres. Os salários depois foram



Vamos lá conversar, Zé!

— Até que te encontro, Toino! Já te procurava há pedaço.

— Há alguma coisa assim tão importante, Zé?

— Então ainda não te deste conta, Toino, que estamos à beira da guerra?

— O que é que há, Zé?

— Nunca nos últimos tempos o mundo esteve tão próximo da guerra Toino. Os americanos e os ingleses desembarcaram no Líbano e na Jordânia para defenderem os governos reaccionários desses países dos seus povos que os querem expulsar do Poder. Mas não é só isto, Toino. Todos os reaccionários do Médio Oriente, empurrados pelos Estados Unidos, pela Inglaterra e pela França, estão a preparar-se para invadir o Iraque, um pequeno País dessa região, muito rico em petróleo, mas onde o povo tem vivido muito pobremente devido ao roubo das suas riquezas pelos imperialistas. Como agora o povo tomou conta do governo, toda a reacção se levanta e procura esmagá-lo.

— Já estou a perceber, Zé, é como se o nosso povo conseguisse um governo honrado que trabalhasse em defesa das nossas riquezas nacionais e os senhores americanos e ingleses desembarcassem na Espanha do seu laçao Franco para depois virem cá impôr-nos o Salazar, o Santos Costa e a camarilha deles e assim poderem continuar a roubar fortemente o nosso País.

— Exactamente Toino. Mas hoje estes crimes já não se fazem com facilidade. O povo do Iraque tem grandes amigos noutros povos que já passaram pela mesma situação e que o ajudarão de todas as formas. Há o Egipto do Coronel Nasser que há um ano e meio deu uma grande lição aos imperialistas quando lhe queriam roubar o Canal do Suez, e há também muitos outros povos amantes sinceros da Paz, à frente dos quais está a União Soviética sempre disposta a ajudar os povos na luta pela sua independência.

— Já vejo, Zé, que se os americanos ou os seus laçaios quiserem ir muito longe contra esses povos ou contra o Iraque a União Soviética os ajudará.

— Isso mesmo, Toino. E tanto mais que isto se passa muito próximo das suas fronteiras. Todo o mundo, Toino, deve ajudar o povo do Iraque a manter a sua independência.

— Que é que nós podemos fazer, Zé?

— Em primeiro lugar, Toino, há que notar que nós, portugueses, também estamos muito interessados na Paz. Salazar meteu o nosso País no Pacto do Atlântico onde estão os imperialistas americanos, ingleses, franceses, pacto de preparação para a guerra. Todos nós somos a favor da Paz, mas os fascistas e os grandes capitalistas querem a guerra para desenvolverem os seus negócios e esmagarem os povos democráticos. Por estarmos no Pacto do Atlântico sujeitamo-nos a entrar também em guerra e a sermos esmagados num instante pelas bombas atómicas que os países atacados para se defender teriam de lançar contra as bases dos americanos nos nossos países.

— Sei, Zé, que em Portugal há várias dessas bases, e até há uma muito importante nos Açores que é a das Lagens.

— Sim, Toino, Salazar entregou pedaços do nosso território aos americanos, e em vez de fazer uma política de Neutralidade como convém ao nosso Portugal faz uma política de blocos militares e põe-se ao serviço dos imperialistas, é um fomentador de guerra.

— Vejo bem agora, Zé, que é a nossa própria vida que defendemos lutando pela Paz. Devemos exigir que os invasores americanos e ingleses saiam dos países que invadiram, que o nosso País saia do Pacto do Atlântico e que regresse a Portugal a base das Lagens. Devemos ser pela NEUTRALIDADE!

— É assim Toino. Mas isto há que fazê-lo compreender a todas as pessoas e que levá-las a tomar uma posição activa que para isto aconteça.

— Que fazer, Zé?

— Olha Toino, conversar, conversar, esclarecer, gritar bem alto que QUEREMOS A PAZ. Fazer agitação e inscrições nas paredes. Fazer moções e apelos, assinados ou não, em que se exija a saída dos americanos e ingleses dos países que invadiram. Escrever, telefonar ou ir às embaixadas e aos representantes dos países imperialistas e dizer-lhes o que pensamos da sua vergonhosa acção. E tudo o mais que vejas sempre voltado para o esclarecimento dos trabalhadores em reuniões e conversas em toda a parte e em todos os ranchos.

— Abriste-me os olhos mais uma vez, Zé. Vou já trabalhar com energia, como com certeza trabalham centenas de milhões de pessoas em todo o Mundo. Eu sou partidário da Paz, Zé, porque sei que defendendo a Paz, defendo uma Causa justa, o meu querido Portugal, assim como a minha própria vida e a de todos que amo.

baixando para 35 e 30\$00 os homens e para 25 e 23\$00 as mulheres. Os trabalhadores consideram que estas jornas foram uma importante vitória obtida pela sua firmeza. A média para todo o período da ceifa, cerca de mês e meio, dá uns 40\$00 aos homens e uns 27\$00 às mulheres. Como sempre os agrários e os lavradores resistiram à subida das jornas.

Também na parte sul do distrito de Setúbal as jornas, a despeito de um ou outro êxito, ficaram à quem do necessário. No Cercal conseguiram-se 35\$00 para os homens e 20\$00 para as mulheres. No concelho de Sines as mulheres ganharam em geral 20\$00.

Em Ermidas as ceifas abriram

com 30 e 35\$00. Ao fim de 3 dias apareceu o nosso «Camponês-das-Ceifas» e logo por todos os lados se pediu aumento de salários. A pressão para a subida das jornas era geral. Conquistaram-se os 40 e 45\$00, chegou-se aos 50\$00 e houve ceifeiros que conquistaram 55\$00. Em Alvalade também pela agitação do jornal «O Camponês» e pela decisão e unidade dos trabalhadores conquistaram-se jornas razoáveis, conseguindo-se os 60\$00.

A experiência deste novo período das ceifas confirma mais uma vez que os trabalhadores só pela luta conseguem melhorar a sua situação e que A UNIDADE É A UNICA GARANTIA DA VITÓRIA.